

# O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE AS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

Preços: (com estampilha)

Anno, 35540 réis — Semestre, 16770 réis — Trimestre, 935 réis

Subscrição-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 28. — Publicações de

interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anúncios, 20 réis por linha — Correspondência não franqueada, não será recebida — Artigos mandados a redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 35000 réis — Semestre, 16500 réis — Trimestre, 800 réis

NUMERO 274

TERÇA-FEIRA 23 DE FEVEREIRO DE 1864

QUARTO ANNO

## AVEIRO

E' de toda a urgencia a promulgação immediata de uma medida, que regule de um modo definitivo e invariavel a introdução de cereas estrangeiras no nosso paiz, harmonizando, tanto quanto ser possa, os interesses dos agricultores e commerciantes d'aquelles generos com os dos consumidores.

O systema que até q' se tem seguido entre nós sobre este importante objecto, além de estar em divergencia com o que indicam os verdadeiros principios da sciencia economica, é igualmente desfavoravel ao publico, que nunca pode, á sombra d'elle, considerar-se a coberto de uma crise alimenticia, e aos produtores e commerciantes de cereas, em cujo beneficio foram estabelecidas as leis de restricção, que temos em vigor sobre a materia, porque a suspensão temporaria d'estas, permitindo o livre ingresso de generos estrangeiros nos nossos portos, pode determinar, e com effeito determina muitas vezes, uma repentina baixa de preços, da qual vem a resultar a miséria e outros consideraveis prejuizos. Não é tolheido absolutamente ou dificultado que os cereas estrangeiros venham abastecer os nossos mercados que se promovem e favorecem os legitimos interesses do commercio, e menos ainda os da agricultura; o que com isso se consegue é eternisar a rotina, de que até hoje ainda ninguém conseguiu afastar os individuos, que em Portugal se dedicam a este ultimo ramo d'industria, que é sem duvida o que entre nós mais podia florescer, assim porque a isso se presta a especial natureza do nosso solo, favorecida pela doçura do clima, como por ser aquelle a que ha muitos seculos nos entregamos.

Se os productos agricolas das outras nações possessem procurar em todo o tempo os nossos mercados, estando unicamente sujeitos a um pequeno direito de entrada, os nossos agricultores, para poderem fazer face á concorrencia estrangeira, haviam de infallivelmente tractar de simplificar e introduzir os possiveis melhoramentos nos processos até agora empregados, em ordem a produzirem melhor, mais abundantemente e com maior economia.

Com o systema, que seguimos, temos a certeza de que, em tempos normaes, os nossos lavradores não serão afrontados pela concorrencia de cereas estrangeiras, mas tambem temos a de que elles estarão d'aqui a alguns seculos tão adelantados na sua industria como actualmente, sendo certo que a agricultura está hoje em Portugal, com pequena differença, tão aperfeiçoada como estava no principio da monarchia.

D'este modo não se protege, prejudica-se a agricultura. Protegel-a seria empregar os meios adequados para a fazer progredir e desenvolver-se, e nós não temos procurado senão tornal-a estacionaria e immovel.

Mas quando mesmo se entenda que devem continuar de pé n'este paiz as leis absurdas que actualmente vigoram sobre este assumpto, o que não concebemos é que deixe de se lhes fazer excepção, todas as vezes que se reconheça o pe-

riço que haveria em observar á risca e a todo o trance o pessimo systema n'ellas estabelecido; o que não acreditamos é que queira levar-se a protecção á agricultura e commercio até ao extremo de sujeitar o povo aos graves inconvenientes de uma crise alimenticia; e o que não podemos supportar é que para favorecer uma classe de individuos, se exponham as outras a soffrer a penuria de generos de primeira necessidade.

E em vespasas de crise alimenticia devemos nós considerar-nos. Tudo nos leva a temel-a. Não foi, em geral, abundante a colheita do anno passado; e menos ainda o será, talvez, a do que vai correndo, se o tempo continuar com a irregularidade assustadora, que até hoje temos observado. Os cereas estão-se vendendo muito caros em quasi todos os mercados; e em alguns d'elles tem já atingido um preço, que quasi os colloca fora do alcance das classes menos favorecidas da fortuna, e isto devemos suppôr que provem da escassez da producção no anno ultimamente findo. Ora, se a uma colheita escassa se seguir, como é para receber, outra ainda mais faminta, é bem claro que o governo terá de lutar com grandes difficuldades para prover á alimenticia publica, se em tempo competente se não tomarem as necessarias providencias.

As camaras e o parlamento representaram já algumas camaras do norte do reino sobre a necessidade de abrir quanto antes os nossos portos aos cereas estrangeiros; e os rogos dos representantes dos municipios tem vindo juntar-se os de varios orgãos da imprensa. A uns e outros nos associamos, esperando que em breve seja attendida uma das mais instantes necessidades publicas, e pedindo ao governo e ás camaras que, depois de terem exceptuado mais uma vez as leis que obstem á entrada de cereas estrangeiras n'este paiz, culdem de adoptar sem demora uma medida, que regulando convenientemente este momentoso objecto, nos dispensa de recorrermos com tanta frequencia a expedientes de occasião, com os quaes não se consegue de ordinario remediar completamente o mal que nos obriga a lançar mão d'elles, além de se causarem ás vezes, com a sua adopção, grandes prejuizos aquelles mesmos, em beneficio de quem se estabeleceu o systema em vigor.

(COMMUNICADOS)

Voltamos ainda a occupar-nos do celebre aranzel, assignado pelo tal sr. José da Fonseca Vidal, e publicado no «Campanhão» de 30 de janeiro ultimo.

E' verdade que todas as asserções, que n'elle se contém, foram já cabalmente desmentidas, e verberada com a singeleza da verdade a insolencia parva do seu auctor. Todavia não podemos resistir ao desejo de lhe dar nova dôse, para que d'elle se não aposses a mania de vir a publico mentir com tanta desfaçatez.

Os pontos que ainda hoje nos servem de assumpto, vem a ser a arguição que o correspondente fez da presença do sr. Joaquim Alvaro na assembleia eleitoral de Vallongo, a descripção do

seu vestuario, e signaes caracteristicos, as algemas que improvisou, e o favoritismo, que souhou, para com os reos do partido da auctoridade; pois tudo isto desafia a negra bilis do sr. Vidal.

Diga-nos pois o nosso particular amigo, por que se assustou, ou se queixa da presença do sr. Joaquim Alvaro n'aquella assembleia?

Não houve motivo para tanto. Se ali appareceu o digno administrador do concelho, foi para garantir a liberdade do voto, para tornar franco o accesso á urna, para fazer respeitar a consciencia dos eleitores, para manter a ordem, enfim, porque a lei o chamava a exercer estas funcções do seu emprego, que desempenhou com a sua costumada dignidade.

E o mesmo sr. Vidal não se queixa de que lhe fizessem violencia ou ameaças? Estava na sua liberdade, e votou seguindo a sua vontade.

Queixar-se sem motivo, e além d'isso chamar crime ao procedimento legal d'uma auctoridade, é, sr. Vidal, o cumulo da perversidade, ou da parvoice.

Que pertendeu o correspondente com a descripção que fez dos signaes e vestuario do sr. Joaquim Alvaro? Quiz talvez fazer espirito, mas não foi feliz, porque essa descripção em nada desdiz d'um caracter serio, grave, circumspecto, e cheio de dignidade, como se prova de ser o sr. Joaquim Alvaro. Até a encrua d'este sr. foi para o mano José motivo de desdem! Pois sabia que apezar de lhe terem lachado tantos gossos, ainda lhe não deram uma só ferradella. O sr. Joaquim Alvaro tem enxotado a um ponto do pé quanto lhe tem arreganhado o dente.

Se o sr. Vidal descrevesse, por exemplo, um padre, passando nas ruas d'Agueda, com chapéu de palhinha, fitinha ao pescoço, colete de riscado, calças amarelladas, quinze e o charuto; teria fustigado severamente, mas com razão, a qualquer delirio, que porventura assim abusasse do seu estado, trajando tão indecentemente.

A censura talvez corrigisse o delirante, e fazia um serviço á sociedade. Mas fallar com desdem do vestuario, e signaes, que não são offensivos da decencia nem improprios do estado do individuo, é querer matar com tiros de polvora secca; e a prova mais evidente da carencia de criminalidade para atacar o adversario.

E as algemas, que o sr. Joaquim Alvaro trazia n'uma das mãos? Conhece-as, sr. Vidal? Se as não conhece, vamos explicar-lhas.

A probidade, a lhanza, a urbanidade, e delicadeza, proprias d'um cavalleiro de nascimento, e de esmerada educação, o zelo pelo augmento e prosperidade do concelho, a confiança que a todos inspiram os seus actos, e as suas intenções, a escolha de caracteres honrados e independentes para os cargos municipaes, e sobre tudo a sua imparcialidade e rectidão, eis-aqui os fortes liames que prendem o sr. Joaquim Alvaro aos seus administrados; eis-aqui as algemas por meio das quaes levou á urna os votos de todos aquelles cidadãos, em quem não prevaleceu o terror panico, que o sr. João Ribeiro fez espalhar, dizendo, que já tinha na mão as redes do governo.

O sr. Vidal tem medo d'estas algemas? E' porque estava acostumado a ver no administrador do concelho uma carranca tetrica, insolente, pallida e medonha, de uma como furia? Ou como tímido escravo, só lhe são bem as delicadas expressões, com que foi mimoseado o digno prior de Barrô?

Enquanto estiver á testa do concelho o sr. Joaquim Alvaro, não se assustou o nosso amigo Vidal, porque no campo eleitoral não encontrará outras algemas para prender os votos dos eleitores. E se ellas lhe forem insupportaveis, pôde quebral-as como agora fez, porque ninguém lhe leva isso a mal.

Mas se o sr. Vidal tiver o desvar de commetter crimes, eguaes aos que são imputados a seus irmãos, como insultar o juiz eleito no exercicio de suas funcções, esperar na escuridão da noite cidadãos inermes e pacificos, e descarregar sobre elles o funesto golpe da foice e do forcado de ferro; então, sr. Vidal, trem, e fuja, com os seus irmãos, das terriveis algemas do sr. Joaquim Alvaro, porque são capazes de o levar ao carcere, e fazel-o sentar no banco dos réos para receber o castigo que merece.

Não são as algemas da assembleia eleitoral de Vallongo, que mettem medo ao nosso amigo; mas sim aquellas, com que o sr. Joaquim Alvaro prende os criminosos, ou os reputados taes, como seus irmãos, para os submeter á acção da justiça!

O sr. Vidal quando accusou de parcialidade os honrados magistrados da comarca d'Agueda, estava a sonhar n'aquelle tempo ditosa, em que se dizia, que uma influencia toda benéfica dirigia a vara da justiça. Acorde, sr. Vidal!

Os tempos mudaram. O administrador do concelho compreende a sua missão; leva os criminosos só até á porta do tribunal, e d'alli não passa, nem para os favorecer, nem para os perseguir. E os magistrados judiciais tem bastante dignidade para não acceptarem mentores.

Ainda não ha muitos meses se disse que um alto protector, dispensando os seus favores a um seu apauiguado que estava para ser julgado em policia correccional e lisonjeira dizendo-lhe d'esto modo: «Vá desancado, vá sem susto, já fallei ao juiz, tudo está arranjado; o fim da audiéncia vá ter comigo á feira (da Foutinha)». E d'alli a poucas horas estava o pobre moço solto no meio da cadeia! E' que o digno juiz Miranda e Oliveira sabe perfeitamente desviar qualquer sabujo que pertendesse enlamear a sua togi immaculada. O sr. Vidal bem sabe que o sr. delegado não tem exorbitado no exercicio das suas funcções, principalmente com os irmãos Manuel e Joaquim. Mas a sua paixão o faz fallar! Sofra com resignação que é uma virtude muito meritoria. Escusa tambem de appellar para a rectidão do meritissimo juiz de direito, o sr. Quaresma, porque no curto espaço de tempo, durante o qual tem administrado justiça na comarca, conseguiu já demonstrar que está assente em bases solidas o credito de que goza, e que tanta honra lhe dá.

## FOLHETIM

PAE CAMARADA

POR

PAULO FÉVAL

Trad. por M. S.

(Continuação do numero 272.)

— Rogero, disse-me minha mãe depois do almoço e quando tornámos a achar-nos sós, eu creio que me não pedirá explicações; mas quando se houver separado de mim, á manhã, esta noite talvez, ha-de fazer a si proprio perguntas, ás quaes eu quero habitual o para responder. Não tenho a desculpar para com si go a conducta de seu pae, mas sim a minha. Fui eu que abandonei a casa de meu marido; abandonei-a, porque estava meu marido, porque queria a todo o custo evitar certos extremos, que quebram para todo o sempre um vinculo que Deus fez indissolavel; abandonei-a tambem, porque a permanencia ali tornava-se perigosa para Margarida. Margarida é filha da irmã de seu pae; nós adoptamol-a. A morte de sua avó paterna, ha pouco acontecida,

fazia com que a nossa casa ficasse sendo o seu derradeiro asylo. Eu abandonei a casa de meu marido antes de ser d'ella expressamente expulsa, para conservar a possibilidade de tornar a entrar ali um dia. Eu amo meu marido por elle mesmo; amo-o ainda por si. Elle é bom, é nobre; eu nunca perdi a esperanza de o curar da doença moral que o opprime. Elle estava cansado do repouso e da felicidade tranquilla, cansado de mim, se é mister fallar com toda a franqueza; eu retirei-me para lhe deixar essa liberdade que era a sua loucura e á qual elle me sacrificava já. Aos que me censurarem, porque a esposa não deve desamparar o seu posto, responderei que obrava assim depois de haver consultado a Deus na minha consciencia, e segundo o conhecimento profundo que tinha do caracter de meu marido. Eu fazia como o marinheiro em occasião de borrasca, alijava parte da minha fortuna para conservar o resto com a vida. Era necessario a seu pae, Rogero, o ensino d'essa liberdade tão desejada; era-lhe necessario tel-a completa, e foi para isso que eu lhe occultei a elle, como a si, o logar que me servia de retiro. Eu queria o livre tambem no que lhe respeitava ao senhor. Qualquer relação entre nós dois, o filho e a mãe, ter-me-ia parecido uma pressão indirecta, exercida sobre elle, por sua via. Isso teria sido a fenda imperceptivel, por onde se escôa toda a agua do vaso: o

meu plano, que me custava tantas mortificações e tantos esforços, caia por sua propria base. Eu não o perdia de vista, Rogero; em Jully, segui-o mais de uma vez nos seus passeios; em Pariz, causei-lhe-me medo os seus primeiros passos. Eu estava ali, prestes a metter-me de permeio entre o senhor e o abysmo. As cousas da vida intima de seu pae conheço-as eu melhor que o senhor, e não deixei nunca de observar attentamente os progressos do ensaio. Sou paciente, mas tenho pressa: cada dia que decorre leva-me uma porção de felicidade. Quando a Providencia o enviou ter comigo, Rogero, estava eu a ponto de ir ter com o senhor, porque se aproximava a hora propicia. Apezar dos estremecimentos do meu coração de mãe, eu não o antecedi; o senhor voltou a Pariz sem possuir o meu segredo. Se agora o possui, é porque é chegada a hora. Não creia entretanto que tudo esteja concluido e que não reste batalha alguma a dar. Os maus, como os bons, tem seu instincto; seu pobre pae vai ser sacudido por uma derradeira luta, e esteja certo de que os nossos inimigos preparam já as suas baterias para esse esforço supremo. A visita lagrimosa do conde ao seu quarto prova que já experimentaram contra elle a arma do ciume; vão ser postas em acção as retribuições de ternura, de dedicção, que sei eu? Tudo será impotente, porque elle ama-o. E' por sua intervenção,

Rogero, meu muito querido filho; que seu pae e sua mãe serão salvos.

Ella deu-me instrucções, e eu adivei-lhe a maravilhosa tactiva. Como é mister amar para combater assim, minha senhora! E quanto é bello este modesto milagre das ternuras d'esposa e de mãe! Ella amava seu marido por elle e por mim, segundo havia dito. Aquellas a quem Deus recousou filhos, não tem nem as mesmas armas, nem a mesma valentia! O filho é o talismão dos casados. O filho é a vida da felicidade entre os esposos, e tanto, que se essa felicidade expira ou morre, o sopro do filho pode resuscital-a.

D'esta vez, voltando ao meu posto, eu achava-me muito forte. Retirava-me com o coração banhado das caricias de minha mãe. Levava no meu seio o seu retrato. Tudo concorria para que eu levasse o sorriso nos labios, durante todo o caminho, até o amoo da linda Margarida. Margarida não tivera o seu quinhão de attenção. Nós tinhamos muito que fazer, minha mãe e eu. Margarida tomava de longe a desfora d'isso, occupando a cada instante maior logar em meu pensamento. Sua imagem adejava em torno a mim como o soulo das alegrias juvenis. Eu tinha a achado tão linda! e minha mãe tinha tão magnificos segredos para dirigir a seu modo o meu coração! (Continuar-se-á.)

Sr. Vidal, não curve o joelho, nem estenda as mãos supplicantes, porque os seus artificios não demoveo ninguém.

Quando o sr. Vidal fallou nos favores dispensados aos réus do partido da auctoridade, estava mal informado. Venha ao juizo d'Agueda, estude as estatísticas dos crimes, as suas causas, e os seus auctores, e verá que os actuaes criminosos ou são gente sem cor politica, ou pertencem á opposição. Isto mesmo caracterisa muito bem o partido do sr. João Ribeiro.

O sr. Joaquim Alvaro, como administrador do concelho, não costuma dar carta branca de desordeiro pelo prego de um voto, nem fica extasiado com os berros de um bebado que grita no meio da rua «viva o sr. administrador!» para poder fazer tudo quanto quizer.

Se os manos Vidasas estão innocentes, exhibam as provas, e não insultem as auctoridades; apresentem-se para o seu julgamento e não façam lamuria perante o juiz que os ha de julgar.

Porque fogem? Esperam pelo tempo d'ouro? Tem razão! Este em que estamos, é tempo de ferro, e de ferros! De ferro para os srs. Vidasas, e quejandos; e de ferros para os desordeiros.

Concelho d'Agueda, 19 de fevereiro de 1864.

### Ao sr. ministro do reino

Temos lembrado ao publico, e mesmo á auctoridade superior do districto d'Aveiro, que a corrupção não deixará de lavar neste concelho enquanto o sr. Antonio Ferreira Souto e Silva não for punido.

Os vicios d'este mau empregado administrativo contaminaram o malfadado concelho d'Albergaria, e contaminaram-o por tal modo, que o contágio vai já longe, e deixa arraçoados vicios nos empregados bafejados por elle com alito tão pestilente, que os tornou criminosos, e réus de abusos imperdoaveis.

Temos tocado, mas muito de passagem, alguns abusos do sr. Souto, administrador suspenso; temos, porém, poupado, e omitido a narração dos mais graves motivos, que de ha muito desafiam o golpe do escalpello, que já poderá ter mostrado ao paiz e ao governo a corrupção, que lava n'este infeliz concelho d'Albergaria, por causa das asquerosas ulceras d'esse empregado corrupto e corruptor.

Mas ainda não publicamos todos os damnos, que o concelho soffre e continuará a soffrir, em quanto esse mau empregado não for punido.

Vamos muito breve dar-nos ao trabalho de o representar tal qual elle é, e pedir ao exm.º ministro do reino, que decida se sim ou não convem aos interesses da nação castigar o suspenso administrador Antonio Ferreira Souto e Silva pelos excessos que commetteu no exercicio de suas funcções.

Sr. ministro do reino, com a conservação do empregado Antonio Ferreira Souto e Silva perde o concelho d'Albergaria, perde o interesse da nação e muito mais ha de perder sempre com ella a moralidade publica!

Albergaria, 16 de fevereiro de 1864.

### Discurso pronunciado por s. ex.º o ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar José da Silva Mendes Leal, na sessão da camara dos srs. deputados de 4 de fevereiro de 1864, por occasião da resposta ao discurso da corôa.

O sr. *Ministro da marinha (Mendes Leal)*: —Nunca talvez a minha posição foi tão difficil, n'esta casa e n'este lugar, como agora. Duas grandes e principaes difficuldades se me offerecem com effeito. A primeira vem da pessoa do illustre orador que me precedeu na tribuna; a segunda vem da sua propria oração.

Consiste a difficuldade proveniente da pessoa do orador... que sinto não ver presente, o que me obrigará a tornar-me ainda mais reportado do que geralmente costume, e do que sempre desejo... consiste, dizia, a difficuldade proveniente da pessoa nos eminentes dotes que a distinguem. Esta camara em tres sessões successivas mais uma vez observou como em s. ex.º se realisa o conceito: que o primado dos partidos pertence á primazia da palavra. Manifestou em verdade s. ex.º, por muito brilhantes qualidades oratorias, quanto é justificada a sua posição n'esta casa, na politica do paiz, e nas tradições do seu partido.

Vem a difficuldade, ou antes difficuldades, da sua oração: primeiro, do parenthesis com que s. ex.º me honrou quando tomei a liberdade de pedir a palavra; depois das recommendações que me fez; finalmente dos predicados com que me prendou. Constituiu-me essa munificencia em duplicada obrigação; já porque devo o presente immerecido unicamente a extrema benevolencia e generosidade sua, não admirando todavia que seja tão prodigo nas dadas quem tanto possui de seu; já porque, reconhecendo sinceramente e verdadeiramente a minha inferioridade, tenho de corresponder a um estremado talento cumprindo um arduo dever, mais arduo em presença dos muitos meritos do orador.

Explicar-me-hei quanto ao parenthesis. Não sei que motivo provocou a distincção das intimações com que fui especialmente honrado. Não o

prejuizo, não o adivinho; mas as intimações subsistem, e complicam o desempenho do meu encargo. Recommendou-me s. ex.º: respondi precisamente, exactamente nos termos em que vos argumentou; mas não irriteis os animos, não exciteis as paixões; e na sequencia do seu discurso acrescentou: não exlumeis tambem o passado!

Como conciliar e cumprir estes antinomicos preceitos? Em todo o correr da sua oração s. ex.º exclamou constantemente o passado (apoiados). Não sei se excitou os animos! O meu não, porque o dever e o lugar me impõem a obrigação de ser superior a quizesquer irritações. Creio porém que se não absteve completamente de appellar para as paixões, como prova o final do seu discurso de hontem.

Uma voz:—Ali está o sr. Fontes.  
O orador:—Tanto melhor. Fallarei agora mais desafogadamente. Estimo ver presente o illustre deputado, e pois que está presente, na sua presença recapitarei o que havia começado a endereçar-lhe, e summariamente repito.

Em grande obrigação me constituiu a oração do illustre deputado pelos relevantes dotes do seu espirito, dotes que admira a camara e o paiz, e que em do mesmo modo admira, sinceramente, sem reserva, aqui e em toda a parte. Devo este testimonio á minha consciencia e aos seus talentos.

Relevantes são effectivamente as prendas de espirito de s. ex.º, e esta é difficuldade summa para o orador que tem de se lhe seguir na tribuna. Outra porém, não menos grave, procede do antagonismo das intimações que me dirigiu, recommendando-me a um tempo que respondesse nos proprios termos em que assentava a questão, e que me abstivesse de exhumar o passado, quando s. ex.º não fez, insistiu, senão constantemente exhumar o passado (apoiados).

«Não appellei para a historia. A historia... A historia pertence-nos (apoiados). A historia é exclusivo nosso. A historia fez-se mais um monopolio, e defendemol-o. Não toqueis ali, n'essa arca santa; não lhe toqueis, porque profanaes as cinzas dos mortos; não lhe toqueis, porque offendes as immundades dos ausentes!...»

Oh! sr. presidente, mas a quantos ausentes mas a quantos mortos, pelas proprias conveniencias do seu discurso, se não referiu s. ex.º! (Apoiados). Nem podia deixar de o fazer. Já vê s. ex.º que lhe não dirijo, remotamente sequer, a mais leve censura. Quero somente mostrar a força da perplexidade em que me lança a contraposição d'essas recommendações. S. ex.º, compulsando os successos do paiz, referindo-se ao passado, ao seu passado só que fosse, não podia deixar de alludir aos que viverem em torno de s. ex.º, ou que em torno de s. ex.º caíram para sempre, mortos para a terra, mas não mortos para a historia. Não podia deixar de o fazer, não. Era necessidade, era obrigação, era inevitavel attrahimento.

Se s. ex.º pois com tantos recursos, e com tão justo empenho, se não pôde esquivar a fazel-o, como o farei eu? Porque razão se ha de antecipadamente, precatadamente condemnar quem o fizer? Com que justiça e plausibilidade se impõe: «o que eu estou fazendo, não o faças vós?» (Apoiados).

Intimação irrealisavel, seja qual for a minha boa vontade! Intimação incomprehensivel, porque recommendar assim: não exlumeis o passado, tanto vale como dizer: «só eu tenho a facultade de folhear essas paginas; só eu tenho a facultade de indagar esses factos; só eu tenho a facultade de averiguar essas acções; vós, nada d'isto vos é permitido nem mesmo no uso do sagrado direito da defeza, sagrado para todos, extranhissimo em vós!»

Intimação incomprehensivel, repito. Não haveria parlamento que a reconhecesse por valida, nem homem publico que a ouvisse sem protesto!

Não sei eu se é costume dictar o arguente os termos da resposta. Se o fosse, nada mais commodo. Estavam desde logo, e previamente, superadas todas as objecções. O lugar do orador, sobretudo do orador que atacasse, não teria senão faceis glorias, seria uma sinecure, seria a coisa mais invejavel d'este mundo.

«Ohae! Posso praticar nos termos que entender; mas vós... Alto... reportae-vos no que eu vos designar; não vos pertence senão responder a esse dictame. Tendes aqui pautado, riscado, anticipado o modo por que haveis de retorquir, e sou eu que me incumbo da tarefa!»

Que extremos de prevenção! Estou que não haveria muito quem se conformassem com tal! (riso.)

Não sei se este é o costume; não sei se já se tem feito alguma vez; mas é tal a minha consideração pelas qualidades de orador e de estadista do illustre deputado, é ao mesmo tempo tão profunda a minha fé na causa que sustento, que aceito. Aceito resolutamente o conselho, na parte possivel, apesar das suas infinitas desvantagens. E não o aceito só pelos motivos expostos, aceito-o ainda por outros. S. ex.º pôde ter mui sinceros desejos de ser conciliador; mas de certo não os tem maiores do que eu, e supponho havel-o provado. Se alguma coisa me admirou, foi que s. ex.º julgasse necessario dirigir-me aquella advertencia de moderação. Acaso costume ser immoderado, provocador, irritante?

E vede até onde chega a antinomia que inspirou esta inesperada apostrophe! «vós, ministro da marinha, sede moderado!» Excellente, ainda que superfluo. Mais ao diante exclamou-se: «vós, ministro da fazenda, não subeste guardiar a vossa

moderação, porque fostes moderado!» Moderação advertida! Moderação condemnada!

Moderado!... Julgando vós assim!... Serei, serei moderado; se lo hei sem esforço, porque o sou naturalmente, porque entendo que é obrigação minha e utilidade de todos.

Teiho pois muita satisfação em acceder ao convite... chamar-lhe-hei convite?... de s. ex.º, posto que não era preciso; posto que taes recommendações produzam de ordinario o effeito contrario; posto que, finalmente, sem prejuizo da minha reverencia ao illustre deputado; mais do que essas recommendações me actuaem no animo o decoro devido a esta casa, o sentimento do meu dever, e as conveniencias publicas, que estão acima de quizesquer suggestões ou conselhos (apoiados).

Antes de passar adiante, seja-me lícito agradecer e fulgo sumamente sempre que tenho alguma cousa para agradecer aos meus adversarios, sobretudo quando o agradecimento me não é pessoal. A seja-me permitido, digo, agradecer ao illustre orador a breve mas eloquente commemooração que fez das qualidades de um benemérito cidadão, que ainda hontem era nosso camarada nas lides parlamentares, que hoje repousa na terra e pertence á eternidade.

Senti s. ex.º não ter podido acompanhar no derradeiro transito aquelle que eu tive a honra de acompanhar na sua ultima viagem, honra dolorosa porque mais me fez apreciar esse nobre caracter para mais vivamente sentir a sua perda. Patenteou s. ex.º o seu sentimento por não ter tomado parte no prestito. Ainda bem que assim se exprimiu. Nem outra cousa era de esperar de s. ex.º! Ainda bem que teve no coração essas palavras aquella memoria, para nós tão saudosa e veneranda! (apoiados). Ainda bem que a numerosa opposição d'esta casa estava ainda representada n'esse prestito por tres dos seus dignos membros, os srs. visconde de Pindella, Cyrillo Machado e Martens Fereira! Ainda bem que estes tres cavalheiros se desproccuparam de todas as suas obrigações para acompanharem a meza d'esta casa, e os srs. deputados da maioria, no cumprimento d'aquella extremo e piedoso dever! Ainda bem que teve lugar essa manifestação extremamente agradável aos amigos do finado.

E se elle poderá reviver, agradável lhe seria tambem, muito agradável de certo, tanto mais agradável quanto se lhe tornaria compensação aos portiosos baldões e dissabores com que nas vespas da sua morte a paixão partidaria lhe amargurou o espirito, como se não bastasse uma vida já tão trabalhada de provecções! (Apoiados). E é tal, senhores, a obsecção das paixões—obsecção que eu condemno esteja onde estiver—que se estranhou ao sr. Thiago Horta que fizesse a viagem ao Porto (apoiados); censurou-se-lhe nos termos mais acres e mais vehementes a translação de um para outro lugar, o uso de um direito commum; foi-lhe estrepado e censurado, de um modo tal que não o repetirei agora (apoiados). O que é lícito ao ultimo dos cidadãos!

Ainda bem, pois, que da parte do nobre orador, da parte dos cavalheiros que mencionei, e mencionei-os com tanto respeito como satisfação, houve essa satisfação ao mesmo passo nobre e humana! (Apoiados).

As lides politicas têm tambem as suas victimas e os seus martyres. E este anno acompanhámos á ultima morada o que nos foi auxiliar poderoso e amigo fidelissimo como outros da mesma tempera e escola (apoiados), o que se mostrou sempre esclarecido e recto espirito (apoiados), caracter de ambicioso (apoiados), provado em todas as occasiões, em todos os lugares, e em todas as crises! (Apoiados). Ha pouco mais de um anno acompanhavamos egualmente á sua final mansão o orador eminente, por quem está ainda de luto a tribuna portugueza (apoiados).

No meio de todas as difficuldades, o espectáculo d'esses dois feretros, ou antes destas duas memorias, me dá maior animo, porque felizmente da parte da maioria d'esta camara, e do gabinete que a representa, e isto é o legitimo e verdadeiramente constitucional (apoiados),—ha principios definidos (apoiados), ha principios fundamentaes, ha principios manifestos em actos que o paiz pôde apreciar (apoiados). Da parte dos cavalheiros que formam a colligação, sem deixar de haver principios que não lhes nego, não ha, não pôde haver equal franqueza... Indico isto apenas como fatal necessidade de posição e sem censura para ninguém.

Da parte de todos os cavalheiros que impugnaram o gabinete não sei com effeito se pôde haver a mesma franqueza, não sei se os principios, por diversos e ás vezes oppostos, poderão ser do mesmo modo claramente expressos e manifestados (apoiados).

E da virtude d'esses principios, da sua ingenua vitalidade, tal força resulta, que temos podido, apesar de tantas perdas, apesar d'essas e outras grandes perdas successivas (apoiados), apesar de golpes tão profundos e sensiveis, continuar o nosso caminho! (Apoiados).

Pois a falta de homens como estes, de cidadãos d'esta importancia e d'esta valia, produz em toda a parte inevitavel commoção, perigoso abalo e muitas vezes determinam a mudança de uma situação, já porque lhe falta o auxilio do conselho, já porque lhe desmaia a eloquencia da palavra (apoiados).

Aqui não. A energia moral das idéas supprime a grandeza das catastrophes. Deploram-se triste e ardentemente os que succumbem, mas não esmorecem os que sobrevivem. As fileiras rreardas pela morte apertam-se e proseguem. Para o lugar d'esses homens mandam os suffragios da urna livre novos soldados, que acharão n'ellos memorias

para venerar, e exemplos para seguir! (Apoiados).

Isto é historia tambem, historia de hoje para acrescentar á historia de hontem, instructiva como toda a historia.

Ouvi já dizer n'esta casa a um distincto ornamento d'ella, — que não sei se está presente, e que não é menor ornamento das letras patrias, — a um membro da opposição excellento, orador e poeta eminente (apoiados)—creio poder-lhe dar aqui este titulo de poeta sem me arriscar a desdenhar (apoiados).—ouvi-lhe dizer: é a historia um cemiterio. «Com a devida venia não a considerarei cemiterio; e tanto não é, que s. ex.º mesmo se fez viva prova de como d'ali se desentranha vivida e fulgente a inspiração, que leva á immortalidade nos mais patrióticos e elevados cantos (apoiados); s. ex.º mesmo é eloquente certificado de como da historia, do espirito que revoa n'essas regiões verdadeiramente animadas, emanam as fontes de perenne instrucção, que vem depois verificar em lições para o presente os exemplos do passado (apoiados).

Vozes:—Muito bem.

A historia não morre; na historia não se morre. Podem para ali decretar sentenças de morte; não serão executadas pela posteridade (muitos apoiados). Não se morre, não; e tanto se não morre, que mesmo quando vós, no vosso impugadores, nos dizeis «em nome do respeito pelos mortos não vultaes a estes lugares, lá nos achaes tambem, lá ides procurar a inspiração», lá vos ides embevecer nas lições, lá estaeis consultando os espiritos, os espiritos que, não, perecem... (Vozes.—Muito bem). E vides prevalecer-vos do seu testimonio para vossa justificação! E vides evocar a sua memoria para vosso louvor.

Mas a historia, sr. presidente, a verdadeira, não é só de um dos lados da camara, nem a de um dos lados da camara; é de todos e para todos (apoiados). Supponho pois que tenho direito de a consultar como todos.

Não sei ha quanto tempo é de uso considerar os homens que se sentam naquellas cadeiras (as do ministerio), como réus confessos e covardes, a quem nem é permitido levantar a cabeça diante das arguições dos seus adversarios, que são apenas seus contendores. Não aceito tal papel (apoiados), não ha o menor motivo para que o aceite (apoiados). Se é livre a arguição, deve ser livre a defeza. A liberdade é isto ou não é (muitos apoiados).

Sr. presidente, não tinha contado levantar a voz n'este debate, não me compelia, porque não sou financeiro, e elle tem levado desde o principio uma direcção exclusivamente financeira. Não ha de ha nem o discurso da corôa, nem a resposta da camara a esse discurso; deu-lha a vontade e a iniciativa dos illustres deputados que abriram o debate; tinha-lha já dado antes d'isso a sua imprensa (apoiados).

Não levantaria, pois, a voz n'este debate se não fosse instigado por outra questão, não menos importante porque interessa grandes principios; se não fora arguido, como membro do gabinete, de violação ás leis constitucionaes, infringindo as condicções da solidariedade. Perante semelhante imputação repitaria indecoroso ficar em silencio (apoiados).

Não, não faria á alta e esclarecida competencia do meu collega, o sr. ministro da fazenda, não faria nem á camara nem ao paiz a injuria de suppor que seriam necessarios, ou que poderia eu dar mais esclarecimentos, onde tinham elles sido multiplicados até á saciedade (apoiados), quando o governo fez publicar tudo o que d'elle dependia, quando até os particulaes embegaram á publicidade as suas correspondencias (apoiados). Uma questão assim insteada pelos documentos officinaes e pelas cartas particulaes, não estará exhausta, ainda precisará de mais? Não o creio; não presumo tanto de mim, que julgue adiantada depois de naturalmente terminada.

Resurgiu-se porém o passado para condemnar o presente. Sou em nome d'elle attrahido ao debate. Não quero censurar; preciso justificar, preciso restabelecer. Exhumarei do passado o menor possivel; mas não posso desviar os olhos do que exhumou o illustre orador que me precedeu. O que está á vista já não pertence á terra! Fez-se depois uma intimação ao discurso que eu ainda havia de proferir. Hesitar, esquivar-me, seria já cobardia; e é essa a ultima cousa que farei na minha vida (muitos apoiados).

Entende-se acaso que ainda não está informado o parlamento e o paiz, de pois de tantas publicações? Houve todavia uma época em que os documentos, os documentos não, as proprias condicções de um contracto, celebrado por uma somma de 16.000.000\$000 réis, foram negadas não sómente ao conhecimento do paiz mas ao da camara, não sómente ao da camara mas ao da commissão de fazenda! (Muitos apoiados).

Não exlumo essa época; acho-a diante de mim; não posso evitar-lhe o encontro.

Sr. presidente, foi arguido o governo e foi arguida a maioria de ter suscitado uma questão politica na discussão da resposta ao discurso da corôa. Arguição inedita, absolutamente inedita e insolita! Pois o que é a resposta ao discurso da corôa senão uma questão politica, o que foi sempre quando d'ella se fez questão?

Nos tempos, de que s. ex.º fez a historia, professava-se uma doutrina mais commoda. Diz-se: «é um mero cumprimento, não discutamos cumprimentos». Afastava-se a questão politica, e ficava para as diferentes especialidades o tratar cada assumpto sobre si. Agora porém quem abriu o debate, quem o guiou, quem o conduziu? Quem n'este caso costuma fazel-o? A opposição, não o

gover  
posto.  
to au  
pria  
su ag  
Pera  
ocult  
quize  
d'esta  
sos ac  
trarei  
termo  
tes o  
sobr  
corôa  
com  
mais  
sistem  
(apoi  
justo  
valer  
N'iss  
vós e  
laes!  
mos!  
da qu  
simpl  
fazem  
causa  
propo  
tro d  
«N  
quest  
insist  
tão d  
uma  
te d'i  
do da  
qual  
a res  
ment  
prehe  
nos r  
derel  
vem,  
d'est  
ra de  
seita  
reuni  
mais  
guen  
ta e  
a os  
more  
alime  
tação  
luz p  
a sig  
aqui  
verdi  
esvae  
partid  
paiz  
mais  
ções  
nalm  
nos t  
cer e  
não  
deira  
como  
de ll  
quae  
te q  
men  
tro  
prov  
ça e  
as es  
larg  
rasão  
muit  
vast  
men  
evão  
vado  
exlu  
tro  
por  
tiva  
digo  
mot  
ria,  
pelo  
conv  
o pe  
mini  
cous  
si a  
lle  
glori  
ness  
Em  
acto  
auti  
o fir  
so e  
creic

governo. O governo esperou, e esperou no seu posto. Não podia nem devia deixar de esperar.

O thema, o ponto de ataque havia sido muito antes preparado, escolhido, designado pela propria opposição; os seus órgãos mais autorisados tinham ameaçado o governo e a maioria com essa aggressão, de que dispozeram todos os meios. Perante uma formal ameaça ha quem recue, e se aculter, e evite o combate? Pôde fuzil o quem quiser; não eu, não o governo, não a maioria d'esta casa (muitos apoiados).

Lançastes a luva e não quereis que os vossos adversarios a tivessem levantado! E logo mostrei que a levantamos como deviamos, não nos termos que censurastes, mas nos mais convenientes e medidos.

Como havia de o governo guardar silencio sobre a operação do empréstimo no discurso da corda? Se o fizesse, diríeis vós de certo, e diríeis com razão, e o país havia de aclear-vos muito mais justiça para a censura, diríeis então: creu-sastes o combate, porque vós temeis d'elle!

Qualquer adiamento de tal questão seria um justo motivo de suspeita, e seguramente o fuzil valer. Isso nos aconselháveis e isso nos exigíeis! Não fuzil consistir a gravidade e a dignidade, vós que tanto de gravidade e dignidade nos fallaes! Agradecemos a indicação, mas não a seguimos!

Porque vós não guardastes para o exame da questão de fazenda? e acrescentaes. Pois uma simples operação de credito é toda a questão de fazenda? Naturalmente porque não sou financeiro, cousei-me singular estranheza ouvir semelhante proposição a um illustre deputado, que foi ministro da fazenda, e que o foi por tanto tempo.

Não tinheis logar mais apropriado ao exame da questão de fazenda quando se tratasse d'ella? insiste-se. Tratou-se acaso até agora d'essa questão de fazenda? repetíeis. Tratou-se apenas de uma operação de credito, só d'isso, exclusivamente d'isso. Mas uma operação de credito a respeito da qual se tinham diffundido boatos, espalhando suspeitas, intimido ahiengas; a respeito da qual se havia feito correr as mais sinistras vozes; a respeito da qual enfim estava por vós solemneamente reptado o governo. E vós mesmos nos reprehendeis que não nos dissimulassemos, ou não nos retirássemos da lida! Falá-íeis vós? Enten-deíeis assim a gravidade? Não posso, não devo creder. Convinha talvez a vossa politica? Não conven, nem ao decoro do governo, nem ao decoro d'esta casa (apoiados).

Se alguma coisa fosse necessario ainda para demonstrar as excellencias do systema representativo, estava-is certificando este debate. A reunião dos representantes do paiz é com effeito mais um peuhor de paz do que um signal de guerra, como pensam muitos. Nesta lucta incruenta e pacifica as coleras apparentes cedem o logar aos sentimentos da justiça. A maior parte dos rumores, d'ictérios, invenções e novellas, com que se alimenta a credulidade ou se promove a inquietude, felizmente nem chegam a transpor aquellas portas. Vê isto o povo, e aprende a conhecer a significação de taes plantações. Muitas questões aqui se illustram, muitas aqui se reduzem ao seu verdadeiro valor. Muitos vultos temerosos aqui se esvaem em bem tenues realidades. As prevenções partidarias, engrossadas, excitadas pela voz das paixões ou das intresses, aqui se atenuam por mais que as estimulem. Aqui perdem as accusações violentas o maior da sua efficacia. Aqui finalmente aprendemos a conhecer-nos e estimar-nos uns aos outros; não como nos fazem apparecer em objurgatorias finestas (finestas direi, e não é excessivo o termo), que se fossem verdadeiras fariam d'este paiz um antro da feras; não como nos desenhiam em accusações pueris a força de lhes faltar a base; mas taes quaes somos, taes quaes nos encontramos.

E quanto a excitar paixões, bom é certamente que tal se não faça n'esta casa; mas é igualmente bom que não se excitem por nenhum outro meio; é bom que não se passe um anno a provocal-as, a irrital-as, porque haverá mais força e auctoridade em quem no fim vier dizer: «não as excitais agora» (apoiados). Res, non verba!

Res, non verba! Thema foi este invocado e largamente analysado pelo illustre orador. Com razão, com muita razão, que merece e precisa muitos comentarios. Res, non verba! E' o mais vasto programma que se tem feito, e é tambem o menos seguido e observado (apoiados). Res, non verba! Examinaremos logo, a luz d'esse facto levado ás obscuridades da historia, o que foi d'ella exhumado. Faremos o inventario do que lá dentro apparece.

O illustre deputado, o sr. Carlos Bento, que por fortuna vejo presente, exerceu a sua veia festivamente satyrica (e quando digo festivamente, digo tambem innocentemente) sobre o que chamou lyrismo encomiastico de um orador da maioria, respeitavel pelos seus talentos, respeitavel pelo seu character, respeitabilissimo pelas suas convicções que teve a audacia de não achar este o peor de todos os gabinetes, e de julgar que os ministros de que se compõe têm feito alguma coisa (apoiados). O que não terá agora para si a musa jovial de s. ex.ª observando... não se lhe poderá chamar só lyrismo... observando a glorificação dos seus proprios actos feita em tres sessões pelo eminente orador a quem respondo! Em tres sessões, disse. Ia quasi dizendo em tres actos (riso) com as saudades e memorias do meu antigo e presado officio litterario.

Não é já um homem de creanças illustradas e firmes que diz: «creio em outros homens; posso estar em erro, que sou homem tambem, mas creio...» e todos sabemos que, se tal affirmar, é

porque na verdade cre... Por minha parte, prestando a homenagem devida á candura e á integridade do joven e esperançoso — mais do que esperanças, prestatissimo — orador da maioria e da commissão, pela minha parte attribuo a extrema benevolencia sua, e supponho esta demasiada para commigo, o que a meu respeito se dignou mencionar... Não é já, dizia, um homem louvando outros homens, acto que parece extravagante. E' um orador, revendo-se em si mesmo, festejando-se e encarecendo-se do alto da tribuna! Em que basto chuveiro do epigrammas se não terá interiormente desatado a inspiração familiar do nobre deputado o sr. Carlos Bento, perante este mais que lyrismo! (Continua.)

### Producta da subscrição promovida em favor dos nossos irmãos de Cabo-Verde pelas commissões de beneficencia do districto d'Aveiro.

(Continuado do numero antecedente)

Transporte	288\$635
(Entra n'este transporta a quantia de 84\$910 rs., producta das trez freguezias de que se compõe o concelho de Vagos.)	

<b>Concelho d'Albergaria</b>	
Freguezia d'Albergaria	15\$045
d'Alquerubim	13\$165
d'Angeja	12\$010
da Branca	3\$985
de Frossos	4\$500
da Ribeira	10\$500
de S. João de Loure	7\$870
de Valle-maior	8\$925

Producta total das oito freguezias de que se compõe este concelho 76\$000

(São presidentes das commissões d'estas freguezias os respectivos parochos.)

Somma e segue 364\$635

(Continua.)

### CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Cruzeiro da Arrancada, 15 de fevereiro de 1864.

No «Districto de sexta-feira, 12 do corrente ven, em um communicado do concelho d'Agneda, uma allusão, em que não posso convir, por ser feita á terra, que muito embora não seja a minha patria, é aquella em que vivo ha cincuenta annos, e n'ella ganhei o necessario para viver mais a minha futura.

Falla-se no communicado em um José Joaquim Vidal, o Asmoden da Arrancada!!! Santo Ambrozio, santo Breve de Marca!

Em Arrancada não ha Asmodens, sr. redactor; todos os homens d'aqui são honrados, amigos intimos e dedicados do sr. Joaquim Alvaro; dedicacão que lhe provamos no dia das eleições da camara, proque s. ex.ª n'esta terra, a maior e mais importante do extincto concelho do Vonga, não achou uma unica pessoa que fosse d'encontro á sua opinião, que era a das mais sensatas pessoas do concelho.

Esse Asmoden mora lá mais a baixo; a sua terra nativa é Alda, e o nome lhe basta. Sustento, sr. redactor, com toda a força do meu pulmão, se alguma me ficou das minhas viagens ad Alentejo, que a Arrancada não toma por seus filhos gente d'essa.

Este povo adora o sr. Joaquim Alvaro, e tem o como enviado para a regeneração do concelho, que a fallar a verdade tem estado mettido nas garras do diabo ha treze annos; mas agora está nas mãos do seu dono: assim elle queira continuar.

Orá, sr. redactor, o que me parece o mais ridiculo possivel é que se gastem tantas linhas, e em letra redonda, a fallar em um objectosinho inteiramente safaro, e nullo, enfim, um trapalhão-sito.

Estou abismado! Pensava eu que a gazeta, como cá na minha terra se lhe chama, se prestava tão sómente a maiores vultos, mas pelo que vi, tambem me resolveo a vir por meio d'ella protestar contra tal abuso, e a fazer ver por esse mundo além que, com verem o tal Asmoden com muitos nomes, não devem ficar pensando que é algum personagem graúdo; não, senhoras, ninguém aqui o procura, só se for para... nem eu quero gastar mais tempo com tal insufficiencia.

Sr. redactor, fico por ora por aqui; mas se tornarem a fallar em desabono d'Arrancada, ou a quererem mostrar que em Arrancada ha meliantes d'esses, então desenferrujo toda a minha algarravia, e Deus sabe onde ella irá dar.

Arrancada merece as atencões do sr. administrador, e este não deve fazer caso d'aquelle gosito.

Até outra vez, sr. redactor.

José Visinho.

### EXTERIOR

Dos jornaes do correio d'hontem extrainos o seguinte:

Paris 15 (á tarde).—A «Gazeta d'Áustria» declara que os alliados impõem por condicão previa á acceptação do armistício a evacuação da ilha de Alsen. Não resta no Schleswig nem um unico soldado dinamarquez, todos os pontos foram evacuados á excepção de Sanderburgo e da ilha de Alsen.

Saint Nazaire 15.—Acabam de sair para Paris e Miramar delegados da regencia do Mexico, com uma missão junto ao imperador Napoleão e archiduque Maximiliano.

Paris 15 (á noite).—Ha noticias de Nova-York que alcançam ao dia 4.

Circulava ali o boato de que os federacs deviam abandonar o sitio de Charlestown.

Lincoln havia determinado que se procedesse a um recrutamento de 200:000 homens.

A esquadra federal preparava-se para atacar Mobilá.

As noticias do Mexico annunciam que Juarez era esperado em Matamoros.

Cadiz 15.—As noticias que trouxe o correio da Havana, alcançam a 30.

Na ilha de Cuba reinava socego.

Continuavam a sair as tropas para S. Domingos.

Havia chegado o navio inglez «Nile» que conduzia o contra-almirante chefe das forças navaes da Gran-Bretania nas Antilhas.

As noticias de S. Domingos alcançam a 23.

As de Arica a 24.—N'esta provincia havia acabado a insurreicão. Geralmente notava-se abatimento nos rebeldes, alguns submettiam-se ás auctoridades.

O capitão general Vargas achava-se em Arica, onde foi para conferenciar com o general Gandara.

Os insurgentes haviam atacado com obstinacão o vapor costeiro «Majestad», mas não conseguiram o seu intento.

As noticias do Mexico alcançam a 13.—As de Vera-cruz a 21.

O general Bazaine entrou no dia 5 em Guadalupe sem encontrar resistencia.

As forças de intervenção haviam occupado os principaes departamentos do interior.

Os francezes tambem haviam occupado Agua Caliente.

Parece que Juarez se dirigiu para Durango.

Paris, 16 (pela manhã).—O «Monitor» publica noticias do Mexico que alcançam a 15 do passado. Os jfaristas foram dispersados em quasi todos os pontos onde queriam resistir.

Espera-se a todo o momento a noticia da rendição de Campeche.

Kiel, 15.—O príncipe Frederico da Prussia activa os preparativos necessarios para se apoderar da ilha de Alsen e julga-se que por toda esta semana poderá começar o embarque das tropas.

Os dinamarquezes que poderam n'aquella ilha defender-se com mais vantagem do que no continente, tambem se estão preparando para fazer toda a resistencia.

### NOTICIARIO

**Demissões e nomeação.**—Guilherme Augusto Pennafort e Almeida, demittido do logar de director do correio da Pesqueira, por abuso de confiança no exercicio de suas funcções.

José Martins Godinho, demittido do logar de director do correio de Alvaro, pela mesma razão.

Antonio Dolgado, nomeado para o logar de director do correio de Alemquer.

Para Gondonil, João Manuel Cerqueira.

Para Touro, concelho de Fragões, o presbytero Nicolau de Moraes Continho.

Para Queirã, concelho de Vouzella, José Bernardo Marques.

Para Madeira, concelho de Oleiros, Antonio dos Santos Coelho.

Para Bêco, concelho de Agueda, o presbytero João Gomes dos Santos.

Para Capinha, concelho do Fundão, Antonio de Lemos Freixo.

Para Arouca, Manuel Francisco Pereira.

Para Saneel, concelho de Soure, Carlos Vieira de Abreu.

**Os trintas annos.**—Trinta annos é o começo da idade da declinacão, é principio do fim da existencia! Marcham com elles as mais bellas esperanças da vida, que são os devaneios do amor; myrrha-se a seiva do enthusiasmo; morre no coracão a luz da confiança; apagam-se em fim todas as illusões da mocidade, esvaecem-se todos os sonhos de ventura, e acordamos n'um leito de dor postos n'este mundo cheio de trabalhos, fadigas e contradicções da vida enganosa, resplendor falso, gloriosa mentira! (Conservador.)

**Instrucção suíssa.**—Ha na Suíssa 85:431 estabelecimentos de instrucção primaria. O numero dos alumnos de ambos os sexos é de 2.627:428. pouco mais ou menos, das quaes

992:830 recebem a instrucção gratuitamente. Ca euh-se em 600:000 crianças as que não recebem educação alguma. (Idem.)

**Vidro.**—A origem do vidro foi assim contada por Plinio: «Um dia os marinheiros, ao Havendo entrado n'um rio da Syria a tripulacão de um navio foi a terra e accendit lume na praia afim de preparar o jantar. Pondo-se em cima de pedras de nitro, que faziam parte da carga do navio, um caldeirão destinado a cozer algumas hervas, a pouco o pouco foi o calor derretendo o nitro, e misturado este com a areia produziu uma substancia liquida e transparente: era vidro.» (Idem.)

**Porto limpo.**—Por edital de 15 de fevereiro de 1864 foi considerado limpo de febre amarella o porto do Rio de Janeiro, ficando sem effeito o edital de 1 do corrente.

**Concurso.**—Pela direcção geral de instrucção publica, estão a concurso por espaço de 60 dias, a começar em 18 do corrente, trez logares de mestras da escola normal primaria do sexo feminino, em Lisboa, com o ordenado annual de 200\$000 rs.

**Nomes de uma infanta.**—A nova infanta de Hespanha, baptisada no dia 13 do corrente, recebeu os seguintes nomes:

Maria Eulalia, Francisca de Assis, Margarita, Roberta, Isabel, Francisca de Paula, Christina, Maria da Piedade, Eugénia, Alfonsa, Maria do Pilar, Maria da Paz, Fernanda, Luíza Carolina, Maria da Conceição, Josephina Pia, Maria do Triunfo, Maria das Misericordias, Maria da Alameda, Maria da Atocha, Maria do Milagre, Maria do Carmo, Maria do Bom Parto, Maria da Palma, Maria de Guadalupe, Maria do Bom Sucesso, todas as invocacões da Santissima Virgem, Jesusa, Catalina de Rizzis, Benigna Antonia de Padua, Pascuala Bailão, Sebastiana, Theresia, Constancia, Libéria, Melehióra, Gaspara, Balthasara, Joaquina, Anna, Henriqueta, Cirila, Helena, Bibiana, Caralampia, Dominga de Silos, Barbara, Rosalia, Bernardina de Sena, Joanna Evangelista, Genoveva, Antonia, Raunona, Raymunda, Filippa de Neri, Thomazia de Aquino, Polonia, Blasa, Leandra, Nicolasa de Tolentino, Joanna Nepomuceno, Michuela e Todos os Santos Anjos, Pedro e Todos os Santos Apostolos, Thomasia de Villanova, Lutgarda, Filomeua, Lucia, Rita de Cassia, Josephina Oriol, Isidra, Francisca de Posadas, Olalla, Juliana, Damiana e Modesta Gaudencia, Pulcheria, Casilda, Rosa de Lima, Felisa de Valois, Valentina, Roque, Diogo de Alencá, Francisca de Sales, os Santos Martyres do Japão, Benita e Maria do Loreto, de Todos os Santos.

**Fome no mar.**—O vapor de guerra «Mindello» chegou dos Agores trazendo trez dias e 20 horas de vingem.

Na sua derrota da Teceira para o Fayal o «Mindello» avistou uma vela que em pouco reconheceu ser uma barca. Encaminhou-se esta para o «Mindello», o qual immediatamente se dirigiu a ella, segundo diz o «Commercio de Lisboa».

A barca igit a bandeira italiana, e fez alguns signaes que não foram percebidos pelo nosso vaso de guerra, por ser outro o codigo de signaes.

Tambem não foram percebidos pela barca os signaes do «Mindello».

Em seguida igit ella a bandeira collida em signal de soccorro, porém aproximando-se o vapor, a barca largou a bandeira.

Retirou-se portanto o «Mindello»; porém foi obrigado a voltar porque tornaram a igit a bandeira collida.

Chegou o vapor á fulla; a guarnição da barca estava toda na pópa, e de mãos erguidas, fazia gestos significativos da fome que a devorava; arreat uma pequena lancha, mas, exhaustos de forças os que a tripolavam, caíam-lhes os remos das mãos.

O «Mindello» passou então proximo da lancha, largou-lhe um cabo, que os marinheiros alaram, conseguindo assim chegar ao navio.

Forneceram-lhes bolacha immediatamente, á qual se arremessaram com furor; deu-lhes bacalhau, arroz, feijão e vinho; disseram que traziam 146 dias de viagem, que o capitão se chamava Mauricio, e era natural de Genova; a barca chamava-se «Surpreza de Genova», com carregamento de gano; havia 40 horas que nada comiam; erguiam as mãos agradecendo no céo a salvacão, com que depararam.

Um d'elles trazia uma bolsa cheia de ouro com que queria pagar os mantimentos, mas que, já se vê, foi recusada.

Indicou-se-lhes o porto em que deviam buscar abrigo; e o porto do Fayal para se refazerem de alimentos.

Trez dias depois entrou a barca no Fayal; o capitão veio a bordo do «Mindello»; muitos dias tinham os tripolantes estado a um quacto de racão, e quasi dois (effectivamente) que nada comiam.

O capitão estava já desfallecido quando lhe foram dizer que se avistava um barco (sic); nenhuma esperança comtudo concebeu de salvacão, porém mais tarde, conchegando-se que era um vapor, exclamou: «estamos salvos, graças a Deus!»

Era realmente commoveute o enthusiasmo de que a marinagem do «Mindello» estava possuida. Chorava de alegria.

**Despachos.**—O «Diario de Lisboa» de 20 do corrente publica os seguintes:

Cypriano Joaquim da Silveira, professor das 1.ª e 2.ª cadeiras do lyceu nacional da Horta, nomeado bibliothecario da bibliotheca do mesmo lyceu, por decreto de 17 d'este mez.

José Ayres Lopes Junior — nomeado professor das cadeiras de mathematica elementar e introdução á historia natural dos tres reinos, em curso biennial, do lyceu nacional de Castello Branco, por decreto de 17 do corrente.

José Joaquim Pinto Coelho — exonerado do lugar de professor temporario da cadeira de francees e inglez do lyceu de Castello Branco, para que havia sido nomeado por despacho de 30 de maio do anno findo, por não haver tomado posse, nem solicitado o seu diploma no prazo legal.

Francisco Duarte Ramos, professor vitalicio da cadeira de ensino primario de Tinalhas, concelho de S. Vicente da Beira, districto de Castello Branco — transferido, pelo ter requerido, para a cadeira de igual ensino de Alcains, concelho de Castello Branco, por decreto de 16 do corrente mez de feveiro.

Tiveram lugar no dito mez mais os seguintes:

Em 12. Rita de Cassia Coelho — provida por tres annos na escola de meninas da villa de Moura, districto de Beja.

Manuel Antonio de Campos Flores — provido por tres annos na cadeira de ensino primario de Solheira, concelho de Villa Nova de Ourem, districto de Santarem.

Carlos Marques Pereira — provido por tres annos na cadeira de ensino primario da villa de Belmonte, districto de Castello Branco.

Em 15. Manuel Marquez da Costa, professor temporario da cadeira de ensino primario de Marique do Intendente, concelho de Azambuja, districto de Lisboa — exonerado da referida cadeira, pelo ter requerido.

**Procissão de Passos.** — Pelas 4 horas da tarde de domingo saiu da igreja do Carmo esta respeitavel procissão, que depois de haver percorrido na melhor ordem e com toda a decencia as ruas de S. Paulo, Larga, Mercadores, Direita, Carmelitas, Nova de Santo Antonio, Santo Antonio e Jesus, recolheu á igreja de S. Domingos, já perto da noite.

Na frente da procissão ia o estandarte, a cujas borlas pegavam os srs. visconde de Santo Antonio (Pedro), delegado do thesouro, juiz de direito, e director da alfandega; seguiam-se bastantes penitentes, e por entre duas não muito numerosas alas de irmãos viam-se as venerandas imagens do Senhor dos Passos e Nossa Senhora da Soledade.

Os estudantes do seminario acompanhavam de sobrepeliz, a procissão; a reliquia era levada pelo rd.º prior da freguezia da Gloria; a traz do palio seguiam algumas autoridades civis e ecclesiasticas, depois uma das philharmonicas, e fechava o prestito o destacamento da guarnição da cidade.

Os penitentes seguiam depois do estandarte. Conhece-se que não é ali o lugar proprio para elles irem, e que destando do resto da procissão, hão de fazel-a perdendo aos olhos dos estranhos algum tanto da sua gravidade.

Em relação aos últimos annos, notamos no domingo menos concurrencia de povo de fóra da cidade; no entretanto, nos largos e praças por onde a procissão passava a affluencia era extraordinaria.

As igrejas do Carmo e S. Domingo concorreram tambem numerosissimo povo, para ouvir os sermões do Pretorio e Calvario; o primeiro, como já dissemos, pregado pelo sr. conego Góes, e o segundo pelo sr. prior da Pucariça.

**Carro.** — Passou no domingo n'esta cidade um carro que vai ser empregado na condução das malas do correio e serviço dos passageiros da Mealhada para Vizeu.

Este carro veio do Porto onde fóra encomendado e acabado, merecendo n'aquella cidade, segundo nos consta, a approvação de pessoas entendidas.

Parece que os arrematantes da mala posta da Mealhada para Vizeu vão melhorar consideravelmente este serviço.

**Pae infeliz.** — Falleceu na tarde de sabado ultimo um filho menor do nosso collega e amigo o sr. dr. Manoel Gonçalves de Figueiredo, reitor do lyceu d'esta cidade, que em pouco mais de nove mezes teve a infelicidade de perder tres filhos varões.

Tinha apenas quatro annos e meio a creança ultimamente fallecida, e succumbiu a uma penosa enfermidade, de que embalde procurou salvar-a o nosso amigo, empregando, além dos cuidados e diligencias de medico, os desvelos e extremos de paiz que estremece aquelles a quem deu a existencia.

O cadaver do menor fallecido foi conduzido em um carro até á porta do cemiterio, no domingo depois da procissão de passos, e d'ahi acompanhado até á capella por duas extensas alas de convidados, que lhe assistiram ao resposno dos ajos, tornando depois a acompanhá-lo até a sepultura.

Era extraordinaria a curiosidade com que o povo procurava ver o cadaver do innocente findo.

Damos os mais sinceros pezames ao nosso collega e amigo pela sensivel perda que acaba de soffrer, e rogamos a Deus que lhe dê coragem para supportar estes golpes que tão fundo costumam ferir.

**Estamos na Syberia.** — Não pensem que ha exaggeração na epigraphie; é a pura verdade: estamos na Syberia ou ainda lá mais chegado ao polo. Onde não estamos, decididamente, é em Aveiro, ou então mudou-se Aveiro para outro clima incomparavelmente menos temperado, porque não nos lembramos de soffrermos, quasi no fim de feveiro, um frio igual ao que nos está penetrando os ossos, e se tem feito sentir ha quatro dias a esta parte.

Ultimamente tem soprado um frigidissimo vento do sudoeste, e hoje de manhã começaram a cair algumas gotas d'agua, que é neve estreme.

## CORREIO

Na sessão do dia 19 da camara electiva entrou em discussão, antes da ordem do dia, o parecer da commissão de verificação de poderes sobre a eleição do sr. Feijó, bispo eleito de Macáu, por um dos circulos do districto de Bragança; e por essa occasião o sr. José de Moraes expoz algumas duvidas sobre a compatibilidade das funções de representante da nação com as de prelado do ultramar, fazendo ao mesmo tempo ver os graves transtornos que a eleição do sr. Feijó causava aos catholicos de Macáu que ficavam privados do seu pastor.

As considerações do sr. José de Moraes, com quanto não viessem muito a proposito, são inquestionavelmente muito judiciosas. O lugar de deputado devia, a nosso ver, ser incompativel com o cargo de bispo do ultramar; mas essa incompatibilidade não está declarada por lei, e por tanto, não estando irregular nem viciado o processo eleitoral do sr. Feijó, nenhuma duvida devia haver em proclamar o deputado.

Na mesma sessão, e tambem antes da ordem do dia, o sr. Monteiro Castello Branco mandou para a mesa um requerimento, em que os parochos do arciprestado de Monsanto, bispado de Castello Branco, pediam que a commissão ecclesiastica desse o seu parecer a respeito do projecto de lei relativo á dotação do clero. Além d'isso fez o mesmo sr. deputado sentir a necessidade de se encetarem os trabalhos da estrada entre Coimbra e a Portella, assim como a de se construir a estrada da Covilhã a Tondella, attendendo a que sem isso mal pode a Covilhã exportar os seus productos.

Pedi o sr. ministro da fazenda que fossem discutidos com urgencia os projectos de lei sobre a contribuição predial e pessoal, e sobre a cunhagem da moeda, e em seguida entrou em discussão o projecto de lei n.º 13, fixando em 180.000\$000 réis a contribuição pessoal, para o anno civil de 1864, e o projecto de lei n.º 14, fixando em réis 1.648:211\$000 a contribuição predial, para o mesmo anno.

Por ser já tarde, e para não prejudicar a ordem do dia, foi discutido e approvedo sómente o primeiro d'estes projectos de lei.

O sr. José Luciano de Castro foi autorizada a accumular, querendo, as funções de deputado com o seu emprego no ministerio da fazenda.

Na ordem do dia continuou a discussão sobre os acontecimentos das eleições municipaes de Villa Real, tendo a palavra o sr. Julio Carvalho para continuar o discurso que interrompeu na sessão antecedente.

No mesmo dia foram apresentados os pareceres das commissões de fazenda e legislação sobre a proposta do governo para a abolição do monopolio do tabaco.

Na sessão do dia 20, antes da ordem do dia, compareceu o sr. ministro da marinha, e declarou-se habilitado para responder ás interpellações que lhe foram annunciadas.

Uma d'ellas era do sr. F. L. Gomes, era acerca do fuzilamento mandado fazer pelo governador de Timor, e sobre se o governo tinha conhecimento official do que acontecera na India ao sr. Gouvêa, tenente do exercito em commissão n'aquella provincia.

A primeira parte d'esta interpellação deu o sr. ministro a mesma resposta que já havia dado na camara dos dignos pares, isto é, que o governo tinha mandado instaurar o competente processo para punir os delinquentes, e em quanto ao tenente Gouvêa estavam dadas terminantes ordens para obter perfeito conhecimento do facto.

Outra das interpellações era do sr. Arrobas, e para que o governo attenda ao estado lastimoso da provincia de Cabo Verde.

O governo tem tomado as possiveis providencias para atenuar o estado de fome e penuria com que lutam aquelles nossos irmãos.

Na ordem do dia coube a palavra ao sr. Martens Ferrão sobre os acontecimentos de Villa Real; mas ou fosse porque a camara esteja muito fatigada com similhante discussão, e conte que este sr. deputado não faça mais do que reproduzir os argumentos do sr. Pinto d'Araujo e que será bastante extenso, attendendo aos muitos documentos que s. ex.ª tinha para combater o governo na questão do emprestimo, e dos quaes não chegou a fazer uso, por lhe não tocar a palavra; ou fosse porque uma parte dos srs. deputados quiz ir assistir á interpellação que na outra camara fora annunciada ao governo; é certo que a sala e galerias estavam quasi desertas, e s. ex.ª teve de resignar-se, vendo-se d'este modo pouco attendido. O sr. Martens Ferrão continuará o seu discurso na sessão seguinte.

Na camara dos dignos pares compareceu o sr. duque de Loulé para responder ás perguntas do sr. Sebastião José de Carvalho acerca dos acontecimentos do districto de Villa Real.

O sr. presidente do conselho e ministro do reino respondeu que o seu desejo era que se apurasse a verdade, e que havendo accusações reciprocas de illegalidade, cumpria indagar bem como se passaram os factos, e acrescentou que o governo, recebendo tambem informações oppostas, resolvera mandar fazer uma syndicancia pelo governador civil de Braga, que hontem havia de partir para aquelle districto, conservando entre

tanto em Lisboa o governador civil de Villa Real, o que equivalia a uma suspensão.

O sr. presidente de ministros concluiu annunciando a todos os inquerit-s que possam esclarecer o governo, e em conformidade votou por a seguinte proposta do digno par o sr. Sebastião José de Carvalho:

«Propoño que a camara eleja uma commissão composta de 7 membros para inquirir da responsabilidade que cabe ao governo pelos actos illegaes e attentatorios da liberdade da urna praticados nas ultimas eleições municipaes de Villa Real.»

Esta moção foi approveda por 5 voto de maioria.

Continuam a circular boatos a respeito da camara dos pares, que alguns dizem maldisposta com gabinet.

Indiann-se dois remedios para conciliar com o governo a boa vontade da camara alta, — nova formada e reforma. De-jaramos que se desse preferencia ao segundo.

E' opinião que por mais d'uma vez temos expendido n'este jornal, e que é perflhada por muitos dos nossos collegas da imprensa, e entre elles pela «Gazeta de Portugal», que no seu numero de 20 esereve, sobre o assumpto, o seguinte:

«Em quadras de fraqueza e debilidade só lembram providencias energicas. A menor difficuldade na camara electiva, accide a idea de dissolução. Se o caso é na camara dos pares, fornada. Pois dissoluções e fornadas são dois remedios heroicos, e que nem sempre dão o que promettem. E nem são providencias, mas geitos de passar a vida, e ás vezes vida triste.»

A reforma é outra cousa. Tem por si a necessidade de pôr a camara alta em harmonia com os senados dos paizes nossos commarcões, segundo dantes se dizia; a vantagem de corresponder ao desejo de muita gente esclarecida, pertencente á propria camara, e varias outras razões que seria extemporaneo allegar agora.

Mas as reformas exigem grande vigor, firme apoio da opinião, energia decidida, e a moderação e prudencia que mais apura e aquilata essas qualidades. Se o governo crê possuir esses dotes, intente a reforma que fará serviço ao reino.

Em regra geral as melhoras reformas são aquellas que se fazem sem pretexto que não seja o de reformar, e que se realisam com annuencia dos interessados antecipaadamente convencidos. Portugal é porém a excepção d'esta regra. Aqui tudo é determinado pela occasião e sempre contra a vontade d'aquelles a quem o negocio mais pôle importar. Assim aconteceu com os dizimos, com os foraes, com os frades, com os vinculos e com todas as cousas. A nossa legislação é toda de dictadura, e portanto de excepção. No estado normal fazemos discursos e damos ou levamos algum murro.»

O «Diario» de 19 publica um decreto em que ao sr. conde da Graciosa são concedidas as honras de official mór da casa real, assim como um outro conferindo o titulo de barão da Trovisqueira ao sr. commendador João Francisco da Cruz Trovisqueira.

Estas graças foram motivadas pela hospedagem que os mencionados cavalheiros concederam a SS. MM. na sua ultima viagem ao norte do reino.

Outrosim publica a folha official do mesmo dia dous decretos concedendo a gram cruz de Christo aos srs. doutor Antonio Manuel de Mello e Joaquim Raymundo de Lamar, que eram ministros do imperador do Brazil (o primeiro da guerra, e o segundo da marinha), quando foi assignada a convenção consular entre aquelle paiz e Portugal.

No «Diario» de 20 vem o decreto conferindo o titulo de barão de Fornellos ao sr. Fernando Maria Pereira dos Santos, filho do fallecido barão d'aquelle titulo, e outro concedendo o titulo de barão de Villalva Guimarães, ao sr. Guilherme Julio Teixeira de Moura.

No mesmo «Diario» vem um decreto pelo qual S. M. ha por bem declarar-se protector da instituição de seguros mutuos de vidas no banco União do Porto.

Alguns amigos do fallecido sr. Thiago Augusto Velloso de Horta, determinaram mandar no dia 27 do corrente resar duas missas de requiem pelo eterno descanso da alma do referido e prestavel varão.

As pessoas que quizerem assistir a este acto, devem achar-se na igreja da Misericórdia d'esta cidade pelas 10 horas da manhã do mencionado dia 27.

## MOVIMENTO DA BARRA D'AVEIRO

**Embarcações entradas em 16 de feveiro de 1864**

SETUBAL—Hiate port. «E' Segredo», m. A. N. Ramisote 8 pes. de trip., sardinha.

**Em 17**

IDEM—Rasca port. «Conceição de Aveiro», F. de Mattos 10 pes. de trip., sardinha.

IDEM—Rasca port. «Flor d'Aveiro», m. A. J. Diniz 9 pes. de trip., sardinha.

NEWCASTLE—Galeota holandeza «Niesena Jacob», m. R.H. Ruzeldo 4 pes. de trip., carvão.

**Em 22**

SWANSEA—Hiate port. «Venturoso», m. A. F. Pellica 8 pes. de trip., carvão.

## ANNUNCIOS

**Vende-se um bilhar em muito bom uso. Quem pertender compral-o falle n'esta redacção, que aqui se lhe dirá com quem deve para esse fim entender-se.**

A camara municipal do concelho de Se. A vèr do Vouga faz publico que se acha a concurso por espaço de 60 dias, a contar do dia 30 de janeiro de 1864, o partido de medicina e cirurgia d'aquelle concelho com o ordenado annual de 200\$000 réis, pulso livre para os que não forem pobres: todas as pessoas legalmente habilitadas que n'elle pertenderem ser providas, podem apresentar no referido prazo de tempo, na secretaria d'aquella camara seus requerimentos legalmente documentados, para ser provido o que mais digno se mostrar.

Pelo cartorio do escrivão Ramos de Loureiro, da villa d'Ihavo se ha de arrematar no dia 21 do corrente pelas 10 horas da manhã na sala do tribunal da mesma villa, os bens que foram penhorados á companhia de Nossa Senhora do Rosario, a requerimento do doutor sub-delegado do procurador régio junto ao julgade d'Ihavo, em execução da fazenda nacional, cujos bens são os seguintes:

218 cordas avaliadas a 1\$500 réis cada uma, e todas em 318.000 réis.

Uma rede ou arte de pescar completa, avaliada em 125.000 réis.

Outra rede, avaliada em 100.000 réis.

Outra rede com meio sacco, avaliado em 50.000 réis.

Um barco com seus aparelhos avaliados em 50.000 réis.

Bem assim se hade arrematar no dia 6 de março proximo futuro um palheiro sito na Costa Nova do Prado, pertencente a mesina companhia avaliada em 50.000 rs.

O escrivão.

Ramos Loureiro

## Deposito de camas de ferro e colchoaria no Porto

Manuel José Guedes com estabelecimento de colchões e um grande deposito de camas de ferro na rua de Belmonte n.º 24, tem camas de ferro e colchões de todas as qualidades e tamanhos que vende por preços razoaveis.—Camas de 2:800 rs. para cima.

Toma conta de qualquer encomenda d'estes objectos, e satisfaz com perfeição.

## BIBLIOTHECA DOS DOUS MUNDOS

PUBLICAÇÃO DOS MELHORES ROMAN-

CES FRANCEZES POR UM PREÇO

MUITO ECONOMICO

200.000 letras, materia de um volume regular, por 80 réis!

A Bibliotheca dos dous Mundos será publicada em folhas de 8 paginas, a duas columnas, formato grande in 8.º, e pelo modico preço de 20 rs. cada folha. O papel será do melhor das nossas fabricas, o typo inteiramente novo e a impressão feita com a maior perfeição e nitidez.

Todos os romances serão esmeradamente traduzidos por pessoas já conhecidas nas letras.

Sahirão duas ou mais folhas por semana e sempre contendo os romances mais escolhidos de A. Dumas, A. Karr, G. Sand, E. Sue, H. de Balzac, L. Gozlan, Paul Féval, F. Soulié, Mery, Dumas filho, Pouson do Terrail, A. Achard, A. Houssay, V. Hugo, Carlos Hugo, H. Kok, etc. etc.

As assignaturas são feita do seguinte modo:

Por 10 folhas de 8 paginas 200 réis  
» 20 » de 8 » 400 »  
» 40 » de » 800 »

Pagas adiantadas.

Correspondente da empresa em Aveiro, o sr. João da Silva Mello Guimarães.

Distribuem-se projectos trazendo uma lista extensa das principaes publicações que vão ser dadas á luz, com o preço aproximado das mesmas.

RESPONSÁVEL.—M. C. da Silveira Pimentel.

—Typ. do «Districto de Aveiro».

LARGO DE S. GONÇALLO